

O Trabalho de um Jornalista no Grêmio: a Teoria Interacionista na Relação Assessor e Clube¹

Andrea Franciele Weber²

Julia Frizon Cechin³

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

RESUMO

O presente trabalho investiga a aplicação da teoria interacionista, desenvolvida para o ambiente redacional, no espaço de uma assessoria de imprensa. Para realizar esse estudo, foi tomado como base o livro “Jornalismo e Vestiário: Histórias e bastidores contados por um assessor de imprensa”, de autoria de João Paulo Jobim Fontoura. A obra “Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia”, organizada por Jorge Duarte e o exemplar de autoria de Nelson Traquina, denominado “As teorias construcionistas”, também foram mobilizados como suporte teórico da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: teoria-interacionista; assessoria-de-imprensa; jornalismo-esportivo; teorias-do-jornalismo.

INTRODUÇÃO

Utilizou-se como base para este trabalho o livro “Jornalismo e Vestiário: Histórias e bastidores contados por um assessor de imprensa”⁴, publicado em agosto de 2021 e escrito por João Paulo Jobim Fontoura sobre a sua trajetória no Grêmio Foot-Ball Porto Alegre como assessor. Acionando os conceitos de ordem no tempo e no espaço da teoria Interacionista, o resumo busca analisar o uso de técnicas jornalísticas no trabalho de um assessor de imprensa.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A teoria interacionista, como o próprio nome sugere, trabalha as interações entre os agentes das notícias e os demais elementos que se relacionam com a produção jornalística diária em uma redação. Esse estudo se encontra dentro de um paradigma: o

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Professora do Curso de Jornalismo da UFSM/FW, email: andrea.weber@ufsm.br

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFSM/FW, email: julifcechin@gmail.com

⁴ O livro “Jornalismo e Vestiário: Histórias e bastidores contados por um assessor de imprensa” narra os percalços e os momentos vividos pelo jornalista João Paulo Jobim Fontoura atuando como assessor de imprensa do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre.

construcionista. Tal molde, trata as notícias como construção. Diferente da teoria organizacional, que “ignora os processos de interação social que ocorrem para além da empresa”, (TRAQUINA, 2005, p. 174), o estudo das interações entre os jornalistas e o tempo e espaço no qual estão inseridos se apresenta na teoria interacionista, foco desta análise.

De acordo com Traquina (2005), os jornalistas, intimidados pela hora de fechamento, são obrigados a adotar certas técnicas para cobrir as notícias de relevância. Ainda, segundo esse autor, os acontecimentos jornalísticos podem surgir em qualquer parte e a qualquer momento e, a partir disso, surge a necessidade de determinar ordem no tempo e no espaço.

Objetivando ordenar o espaço, Tuchman, citada no texto de Traquina (2005), elenca três métodos que as organizações utilizam: territorialidade geográfica, especialização organizacional e especialização de temas. No texto de Traquina (2005), o autor também fala sobre a problemática do “*concentracionismo geográfico*”. Segundo ele, os jornais concentram sua atenção somente nas cidades de grande porte e o “resto do país”, nas palavras do escritor, só ganha as manchetes quando é palco de acontecimentos atípicos, como desastres naturais.

Em sequência, o autor traz o conceito de ordem no tempo e, para entendê-lo, é necessário compreender o biorritmo do jornalismo. Em primeiro lugar, “se espera que os acontecimentos com valor-notícia se concentrem durante as horas normais de trabalho.” (TRAQUINA, 2005, p. 183). Segundamente, “a empresa jornalística tenta planejar o futuro [...] permitindo assim a organização do seu próprio trabalho com uma certa antecedência.” (TRAQUINA, 2005, p. 184). Por fim, “os acontecimentos estão concretamente enterrados na *teia de facticidade*.” (TUCHMAN, 1978 *apud* TRAQUINA, 2005, p. 184).

Assim, dada a impossibilidade de controlar o tempo, as técnicas trazidas pela teoria servem como um método facilitador para o trabalho do jornalista. É impossível que os fatos aguardem o horário comercial para se efetivarem como notícia e, pensando nisso, prever certos acontecimentos pode contribuir para tornar a redação mais preparada. Ademais, como citado acima, concentrar a atenção do jornal ao que é atual e possui relevância para o grande público auxilia o jornalista a controlar o tempo pois, cobrindo somente o que é factual, desconsidera-se uma maior profundidade das ocorrências.

Além disso, a teoria encara o processo de produção de notícias como uma operação interativa entre diferentes personagens: *news promoters*, *news assemblers* e os *news consumers*. Os primeiros são os promotores de notícias, aqueles que tornam um fato perceptível, ou seja, as fontes. Os segundos são responsáveis por montar e divulgar os acontecimentos produzidos pelos promotores, ou seja, são os jornalistas. Por fim, os últimos são os consumidores do material produzido. (TRAQUINA, 2005).

Nessa análise, porém, tratamos do campo das interações jornalísticas em um ambiente de assessoria de imprensa. Desse modo, deve-se ir além das teorias próprias do jornalismo e entender a comunicação institucional.

Para o estudo da assessoria de imprensa, foi tomado como base o livro “Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia”, organizado por Jorge Duarte (2008). Para o autor, o assessor de imprensa é herdeiro do jornalista. Tal afirmação, torna-se pertinente na medida em que o livro expõe o desenvolvimento das Relações Públicas. Ivy Lee, o autor dessa prática, era jornalista e converteu-se à assessoria de imprensa posteriormente. Como fundador do assessoramento, Lee declarou uma série de princípios que devem nortear essa prática: clareza, exatidão e divulgação de “assuntos de valor e de interesse para o público”. (DUARTE, 2008, p. 36).

Com base na citação acima, fica claro que as Relações Públicas e o Jornalismo bebem da mesma vertente. “Definiremos, então, as relações públicas como um ‘conjunto de técnicas concernentes às comunicações de uma empresa com os grupos aos quais não pode opor-se ou misturar-se, a fim de manter boas relações com os diversos setores de opinião pública’.” (AUGRAS, 1978 *apud* DUARTE, 2008, p. 40). A principal diferença entre esses dois exercícios, porém, são os seus objetivos principais: enquanto a assessoria de imprensa “funciona como um órgão de consulta obrigatória para os jornalistas” (DUARTE, 2008, p. 45), o jornalismo é o órgão responsável por estabelecer um “espaço público de socialização dos discursos particulares, para os confrontos da atualidade”. Ambos se ligam, assim, de forma codependente.

Por fim, é importante citar um trecho do “Manual de Assessoria de Imprensa” de 1984, escrito por Eduardo Cesário Ribeiro (*apud* DUARTE, 2008). O trecho, transcrito a seguir, é capaz de clarear a analogia das duas profissões estudadas neste trabalho:

Os profissionais de assessoria de imprensa são, antes de tudo, jornalistas. Eles vieram preencher uma lacuna atendida indevidamente por profissionais de outros setores, entre eles recursos humanos, marketing e promoções. Seu

trabalho visa contribuir para o aperfeiçoamento entre a instituição, seus funcionários e a opinião pública. Dentro de uma perspectiva social que privilegia essa última, a assessoria de imprensa agiliza e complementa o trabalho do repórter [...] (RIBEIRO, 1984 *apud* DUARTE, 2008, p. 46-47).

Como explica Duarte (2008), o trabalho do jornalismo é complementado pelo trabalho da assessoria de imprensa, assim, pode-se dizer que juntas essas duas profissões tornam-se mais eficientes do que separadas.

ANÁLISE

Os procedimentos metodológicos adotados para a coleta dos dados utilizados na pesquisa se deram por meio da leitura do livro “Jornalismo e Vestiário: Histórias e bastidores contados por um assessor de imprensa”, escrito por João Paulo Jobim Fontoura e publicado em agosto de 2021 pela editora Capítulo 1. A partir da leitura dos capítulos⁵, foram sinalizados todos os trechos do livro nos quais era possível identificar alguma ligação entre a prática jornalística e a assessoria de imprensa. Com base nisso, a pesquisa concentra-se nos capítulos três, quatro e seis do livro, nos quais foi possível apontar trechos que evidenciam a cooperação entre as áreas de assessoria e jornalismo.

Em dezessete de dezembro de dois mil e dez, João Paulo Jobim Fontoura iniciava sua primeira semana como assessor de imprensa do Grêmio. Os anos seguintes foram recheados de experiências como comunicador do clube. Entre histórias e aprendizados, João Paulo, conhecido pelos internos do clube como JP, descreve que o assessor de imprensa é “um jornalista que tem a oportunidade de enxergar tudo aquilo que quem está fora do vestiário gostaria e não pode. Que sabe boa parte daquilo que a imprensa e a torcida gostariam de saber e que ninguém ali de dentro quer que saia para fora.” (FONTOURA, 2021, p. 18).

Como observamos anteriormente, a teoria Interacionista foi pensada para o ambiente de uma redação jornalística, considerando o seu “biorritmo” e as suas estratégias de trabalho. Contudo, a partir do livro adotado como objeto de análise deste trabalho, certos conceitos dessa teoria foram mobilizados por um jornalista para aplicação em uma assessoria de imprensa.

⁵ O livro é organizado em dez capítulos e cada um deles corresponde a um ano vivido pelo jornalista no clube, começando por 2011 e finalizando em 2020. Os capítulos não possuem nome.

Mesmo atuando na área de assessoria de imprensa, JP aplicou técnicas do Jornalismo em sua passagem pelo Grêmio. De acordo com ele, “a espera por tomadas de decisões inexistente. Os fatos atropelam os próprios agentes das notícias e, por isso, é preciso sempre estar à frente deles quando possível, antecipar-se à crise, vislumbrar as consequências de uma notícia [...]” (FONTOURA, 2021, p. 18). Para antever os possíveis cenários comunicacionais, JP mobiliza as ferramentas identificadas pela teoria interacionista, buscando impor ordem no tempo e no espaço.

Na página sessenta e seis do livro em estudo, capítulo quatro, JP descreve sua rotina de trabalho em um dia normal como assessor do Grêmio. As primeiras horas do dia são reservadas para uma intensa clipagem acerca do que está sendo falado sobre o clube nas mídias sociais. Às 08h00 horas da manhã, o jornalista precisa “em casa ou no clube: fazer ronda de jornais, internet, rádio, TV e Twitter.” (FONTOURA, 2021, p. 66). Além disso, o jornalista cita que deve conversar com o máximo de internos possível, para saber quais as pautas sobre o clube nesses ambientes.

O procedimento descrito acima é uma tentativa de JP que objetiva, por meio das rondas feitas pelo jornalista, impor ordem no espaço. No decorrer do capítulo quatro, ainda, o assessor explana outros deveres do seu ofício, que também se relacionam com a tentativa de imposição de controle do espaço: “O primeiro é a leitura de cenário, obrigação de qualquer assessor. E o segundo é a importância de ouvir rádio durante a partida e até momentos antes de começar a coletiva.” (FONTOURA, 2021, p. 79).

Em adição, JP descreve “aspectos inerentes à profissão e inerentes à função” (FONTOURA, 2021, p. 77), que vão ao encontro das táticas estabelecidas pela teoria interacionista para impor ordem no tempo. Uma delas é o planejamento de compromissos, como cita o assessor: “Organizar e coordenar dias e horários para entrevistas”. (FONTOURA, 2021, p. 77). Ademais, o jornalista descreve, no capítulo em análise, as diferentes rotinas que se seguem conforme as datas e horários dos jogos, tal esquema se enquadra como um mecanismo para impor ordem no tempo.

No capítulo três do livro, ambientado no ano de 2013, JP cita o jornalista Guilherme Araújo para expor as recomendações de um assessor de imprensa na mediação entre profissional e fonte: “Oferecer explicações relevantes para a atualidade; garantir e preservar a confiabilidade recíproca; estar sempre disponível para receber e atender as demandas das redações; ter competência para agregar qualidade jornalística aos materiais

produzidos.” (ARAÚJO, 2012, *apud* FONTOURA, 2021, p. 53). Ao discorrer sobre atualidade e disponibilidade, JP opera vias de impor ordem no tempo visando o imediatismo, tão essencial para o jornalismo.

Ainda, no capítulo seis, ano 2016, JP elenca suas razões para a escolha do jogador entrevistado nas coletivas de imprensa. “Critérios e motivações: Sensibilidade: o que o momento diz, o que imprensa e torcida falam; Noção jornalística: o que é notícia e o que não pode ser notícia. [...]” (FONTOURA, 2021, p. 130). É possível perceber que, para selecionar quem vai falar, o jornalista precisa estar atento à atualidade da situação, nas palavras de JP “o que o momento diz”, é muito importante.

É perceptível, a partir desta pesquisa, que no campo da comunicação as interações entre os agentes de notícias são uma preocupação constante para os jornalistas e, também, para os assessores. Como JP explica em sua obra, é preciso sempre antecipar-se à crise, planejar, estar atento ao factual e ser capaz de perceber o que acontece com os personagens do jogo: os de dentro e os de fora do campo.

CONCLUSÃO

Para mais, torna-se relevante estabelecer tal discussão nesta seção apresentada devido ao entrecruzamento de profissões que ocorre no ambiente comunicacional diariamente. Os preconceitos em torno da atuação do jornalista como assessor de imprensa são corriqueiros, mas infundamentados pois, com base no que já foi exposto anteriormente, a origem e a essência da Assessoria de Imprensa e do Jornalismo se equivalem. É importante ponderar, também, que os ganhos superam as perdas quando um jornalista atua como assessor e, além disso, é interessante observar que certos métodos da prática jornalística podem ser aplicados em um assessoramento.

REFERÊNCIAS

FONTOURA, João Paulo Jobim. **Jornalismo e Vestiário**: Histórias e bastidores contados por um assessor de imprensa. Porto Alegre: Capítulo 1, 2021.

TRAQUINA, Nelson. As teorias construcionistas. In: TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005. p. 168-187.

DUARTE, Jorge. Parte I - Caracterização. In: DUARTE, Jorge. **Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia**. São Paulo: Atlas S.A, 2008, p. 31-51.